



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

O LIRISMO NO CONTO *OLHOS NUS: OLHOS DE MIA COUTO-* UMA ANÁLISE DA HIBRIDAÇÃO DE GÊNERO

AUTOR PRINCIPAL: Adilson Barbosa.

CO-AUTORES: Joseane Amaral.

ORIENTADOR: Dra. Márcia Helena Saldanha Barbosa .

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo-UPF.

INTRODUÇÃO

Este ensaio pretende realizar uma análise do conto de Mia Couto, intitulado *Olhos nus: olhos*, buscando elementos textuais e contextuais que permitam comprovar que a hibridação de gênero faz parte do seu processo constituinte. Partimos do pressuposto de que essa narrativa curta do escritor moçambicano evoca lirismo para que o ato de contar uma história transcenda seu próprio estatuto e ascenda a uma subjetividade discursiva, constitutiva da poesia. O conto pertence à coletânea *Essa história está diferente: dez contos para canções de Chico Buarque*, organizada por Ronaldo Bressane e publicada em 2010, que conta com a participação de diversos escritores, entre eles Luis Fernando Verissimo, Chico Sá e Rodrigo Fresán, cujas histórias têm como mote as canções de Chico Buarque, numa espécie de reencontro temático que tangencia as letras das canções.

DESENVOLVIMENTO:

A música "Olhos nos Olhos", de Chico Buarque, motivou a escrita do conto "Olhos nus: olhos", por Mia Couto. Este, por sua vez, pretendeu criar uma narrativa a partir das marcas narrativas presentes na canção, fazendo do conto uma história tomada por lirismo e paixão. O lirismo desponta já no título do conto. A leitura do título explora, ao mesmo tempo, duas dimensões: a palavra falada e a palavra escrita, num mecanismo comumente associado à linguagem poética. Quando apenas ouvimos o título do conto, este praticamente repete o da música, diferenciando-se numa tênue pausa entre os dois últimos termos. Já a forma escrita é diferente, embora explore o recurso poético da homofonia entre "olhos nos" e "olhos nus". Desse mecanismo surge outro: a

metáfora *olhos nus*. Essa figura de linguagem anuncia um olhar que se despe, que se desnuda, que se revela, tema que se desenvolve ao longo do conto. O uso dos dois pontos separando graficamente “olhos nus” de “olhos”, ressalta a separação entre dois olhares, um que se despe e o outro que observa esse desnudamento. Isso difere do título da música que remete a um olhar fixo, um absorvido no outro. O conto, lírica e gradativamente se desenvolve, levando em consideração o mundo interior das personagens, narrando como agem perante os acontecimentos em que estão inseridas. Através da prosa intimista acompanhamos em câmera lenta a transformação interior da personagem Clarice, partindo da indignação e da melancolia até sua volta por cima e um momento de “epifania”, diante do olhar desvelado de João. No final da narrativa, ocorre uma movimentação lenta por parte de Clarice, como alguém prestes a contemplar um espetáculo há muito esperado. O intimismo se dá líricamente pelo narrador que assimila as emoções e sentimentos das personagens, aproximando o leitor do que ela sentiria. Isso ocorre em vários momentos, os quais se revelam por olhares que deixam transparecer aquilo que se desejaria deixar oculto. No fragmento “Rosa fechou os olhos como se quisesse que a chuva escoasse por dentro das pálpebras” (p. 199), a metáfora revela mais do que uma natureza confidente, mas sim uma simbiose desta com o corpo que externa seu sofrimento. A chuva e a lágrima são vistas como inevitáveis e intangíveis do ponto de vista da dor sentimental que se manifesta, mesmo lá onde procurou se esconder.

Com relação às personagens João Rosa e Clarice, mais do que olhos absorvidos por outros olhos, há um olhar que se revela para o outro. A lírica amorosa faz parte da construção poética do conto de Mia Couto, conforme a passagem “Não perdemos nunca o que amamos. O amor está para além dessa contabilidade” (p. 206) há uma tentativa de mostrar a perenidade do sentimento amoroso. Essa mesma continuidade sentimental é intensificada quando o narrador praticamente anula o tempo passado e lhe confere o estatuto de tempo imaginário, quando diz “O passado é mentira. Metade é feita de coisas não passadas. A outra metade é feita de coisas que nunca mais passarão” (p. 207). Essa mesma concepção também é referida em “... amar é um verbo sem passado. Uma vez tendo amado nunca mais se deixa de amar” (p. 210), através da polissemia do primeiro período que vai além de uma definição gramatical, pois remete à presentificação do sentimento amoroso. Outros recursos que colaboram para a construção da prosa poética de Couto são: (i) a novidade dos neologismos, que Mia Couto chama de “falinventar”, em passagens como “Ela se chegou açucarosa...” (p. 203); (ii) o uso incomum da sintaxe verbal em momentos como “Mulheres escorreram como apressadas gotas e se neblinaram...” (p. 197); ou “Ela se inventaria Adélia” (p. 213); (iii) o paralelismo rítmico conseguido por anáforas e por aliterações: “Foi ao espelho e se fez bonita. Foi ao velho baú e se fez vaidosa. Foi ao fundo de si e se fez mulher” (p. 213); (iv) a

inversão no arranjo de termos nominais para garantir a geração de ritmo: “A conformada certeza dos amores eternos” (p. 197).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Este conto é dotado de lirismo, através de construções discursivas e do vocabulário plurissignificativo que desperta sentimentos. O desfecho diminui os feitos amorosos de Rosa, através da lágrima que simboliza o seu apagamento diante de Clarice, agora soberana de si. O encontro dos dois olhares é o ápice do encontro de Mia Couto com a música de Chico Buarque, resultando na gênese desta história.

REFERÊNCIAS

COUTO, Mia. Olhos nus: olhos. BRESSANE, Ronaldo (org). *Essa história está diferente: dez contos para canções de Chico Buarque*. São Paulo: Cia das Letras, 2010

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1993.